

ARAUTO

1958
JANEIRO
ANO I
N.º 4

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. na Tip. do «Correio da Horta»

EDITOR
Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES
Henrique Barreiros e Manuel Paulino

Redacção e Administração
LICEU NACIONAL DA HORTA

“Paraser Chefe” Porque escolhi a vida de professora

Por melhor que seja uma Escola, nós aprendemos sempre muito rudimentarmente a ser aquilo que procuramos, porque a aprendizagem completa não se pode fazer na Escola; isto é, a Escola, no sentido em que a tomamos, tem de ser completada pela Escola da Vida. Nesta, sim, surgem tantos casos que não tínhamos previsto e temos de seguir um destes dois caminhos: ou nos entregamos à rotina perdendo os nossos conhecimentos lentamente, ou continuamos, ora nos livros, ora na experiência, ora na reflexão, aperfeiçoando os nossos conhecimentos, a fim de transformarmos em Acção mais intensa e mais útil o trabalho mental a que nos entregamos.

Os primeiros nunca serão bons chefes, os segundos podem vir a ser chefes no verdadeiro sentido da palavra.

«Um chefe procura constantemente ampliar os seus conhecimentos, apurar as suas qualidades, e conhecendo os seus defeitos corrige-os».

A's vezes, aparecem graduados da M. P. que recebem as insígnias e os cordões bastante entusiasmados, mas que depois, hipnotizados pelo culto da mediocridade, logo são abatidos pelas dificuldades — que aliás sempre aparecem — e desanimam, vencidos, como que caídos no campo que não é o da honra.

Não deve ser o caso dos graduados do nosso Centro — e por isso damos graças a Deus — no entanto não sou eu a pessoa indicada para o afirmar.

Temos presente a vida de campista: é prazer porque em contacto directo com a natureza a vida torna-se fonte de alegria e de felicidade; é no entanto sacrificio, porque só com o esforço e sábia colaboração de todos e pelo trabalho realizado por cada um para o Bem Comum se torna possível tirar da Natureza o que nestas condições só ela nos pode fornecer.

O campismo é uma escola em que se pode aprender a ser chefe.

é preciso cultivar ideias elevadas, para que se conduzam os subordinados pelo caminho do dever e da honra.

Quando assim não acontece, o chefe passa a interessar-se mais por si do que pela missão que lhe foi confiada, e então a vaidade passa a substituir o interesse pelo Bem Comum.

Frei Heitor Pinto falou bem a grandeza e a deficiência dos chefes com estas palavras:

«Assim como as espigas quanto mais gradas e carregadas estão, tanto mais se baixam e inclinam e, pelo contrário, quando mais leves e vazias estão, tanto mais se endireitam e levantam para cima, assim quanto mais cheios estão os homens de virtude e de bom saber, tanto mais se humilham e abatem, e quanto mais vazios disto estão, tanto mais se levantam e ensoberbecem».

O subordinado observa o seu chefe sob vários aspectos e completa pelas suas conversas o perfil psicológico desse seu chefe, conseguindo focar a sua personalidade. Se o subordinado lhe reconhece dignidade, une-se a ele por fortes laços de amizade invisíveis, certo, mas reais, e então passa a trabalhar com gosto e dedicação; mas se pelo contrário vê que o chefe necessita de substituir o prestígio pela violência ou pela injustiça, nasce nele, mesmo sem disso se aperceber uma má vontade que influi na boa marcha das coisas.

«O chefe não deve impor o prestígio mas sim impor-se pelo prestígio e compreender que a melhor forma de conduzir os seus subordinados é colaborar com eles exemplificando».

Para terminar, indicarei três objectivos a atingir, para se ser chefe:

- 1.º — Saber bem o que se quer.
- 2.º — Dominar a Psicologia da Boa Vontade.
- 3.º — Mandar em si.

T. H.
4.º Ano

Ser professora é uma profissão que, embora sendo árdua, é a mais bela que uma mulher pode escolher.

E' a professora que dia a dia vai ensinando aos homens de amanhã as primeiras letras e os primeiros conhecimentos. E' ela ainda a conselheira e a orientadora das crianças inexperientes.

E além disso, como é agradável lidar com uma criança! Como nos sentimos encantados com a sua inocência e a sua candura! Temos a impressão de que à sua volta nos sentimos mais jovens, que voltamos à nossa infância, e até a nossa alma parece que se embebe na pureza que delas emana.

Há quem diga: — «Ser professora da instrução primária é uma profissão muito vulgar, porque para ensinar o a, b, c toda a

gente o ensina». Como vivem enganados todos aqueles que assim pensam! Se é certo que o que se ensina na escola não são assuntos muito desenvolvidos, certo é também que as professoras são quem ensinam as primeiras noções, e todo aquele que é o primeiro a realizar uma obra tem o dobro do valor.

E foi por todas estas razões que eu escolhi a vida de professora. Para mim esta profissão é de todas a mais bela, a que encerra muitas responsabilidades é certo, mas também a que admiro mais numa mulher. Toda a mulher que tem à sua conta esta missão deve-se orgulhar, porque é ela quem ensina a dar os primeiros passos no sector da instrução.

M. Antonieta Duarte da Silva
1.º Ano do Magistério

MOCIDADE RADIOSA

A mocidade deve ser alegre para que à sua volta se possa criar um belo ambiente escolar e familiar.

No que diz respeito ao ambiente familiar muitas vezes, com a nossa alegria podemos alegrar um pouco as pessoas idosas que nos são queridas, as quais tem a alma pesada das atribuições da vida

Conquanto ao meio escolar, este pode mostrar carácter alegre e disciplinado, se a juventude que o cerca é alegre e disciplinada, dando-lhe assim um aspecto de boa camaradagem entre os colegas e mesmo com os professores.

Os desportos, que são geralmente praticados por aqueles que amam sobretudo a alegria são, concorrem na sua maior parte, para um sempre crescente desenvolvimento físico, concedendo-lhes desta maneira a saúde necessária que é fonte da felicidade.

No entanto não quero com isto dizer que a mo-

cidade deve ser só uma vida de alegrias e prazeres, porque ela é, para nós o alicerce duma séria vida futura.

Maria José da Rosa
5.º Ano

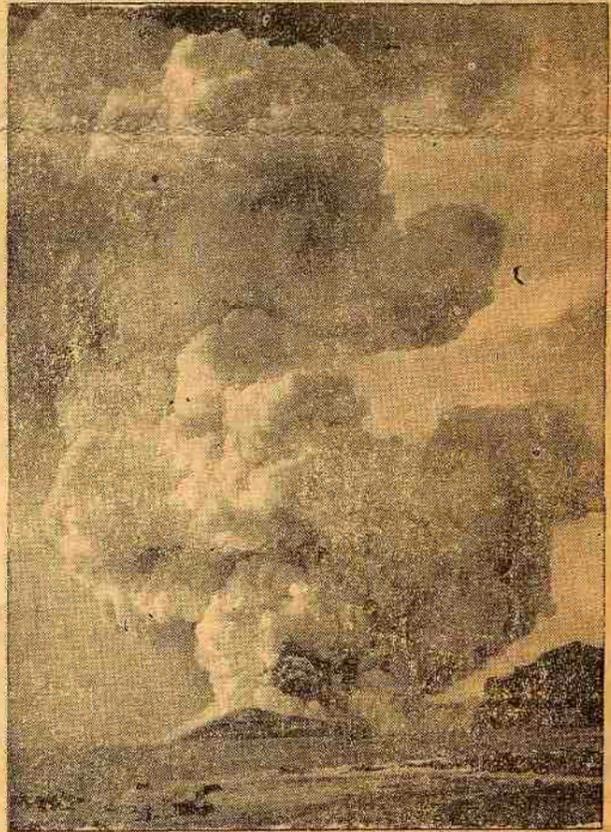
SONHEI

Em sonhos vi que a vida me sorria
Sonhei com louros
E sonhei com glórias
Mas afinal fui vendo em cada dia
Sempre o fracasso das minhas vitórias

Experimentei a luta
E vivi derrotas
Pensei n'alegria duma vã riqueza
E sempre, sempre na minha labuta
Vi o resultado da minha fraqueza

A vida é pequena
E nós somos fracos
Tudo o que fazemos nada disso é nosso;
O que faço bem na vida terrena
Nada me pertence porque nada posso

Judite Machado
1.º Ano do Magistério



Professor Doutor Orlando Ribeiro

No dia 15 deste mês o Ex.º Sr. Professor Doutor Orlando Ribeiro, distinto catedrático da Universidade de Lisboa, dignou-se aceitar o convite para proferir no nosso Liceu uma magistral e muito proveitosa conferência, a que assistiram os Srs. Professores e alunos, sobre vulcanismo em geral, e particularmente sobre o vulcão dos Capelinhos.

Depois de o sr. Reitor ter, em breves palavras salientado aos alunos o valor do cientista, sua Ex.ª falou durante uma hora, prendendo sempre a atenção de todos, professores e alunos, e deixando a impressão de

xando a impressão do maior agrado e apreço pela sua palavra de mestre.

A formação cultural da Juventude

A mocidade de hoje como a de ontem necessita duma certa formação cultural para resolver os problemas que lhe possam surgir pela vida fora, por difíceis que sejam.

Estudemos e leiamos livros bons, desde que tenham uma escrita correcta, porque por meio da leitura podemos ter conhecimentos interessantes, que vão a pouco e pouco transformando a nossa ignorância em sabedoria. Essa falta de conhecimentos tem de desaparecer e nunca mais surgir no nosso cérebro.

Somos crianças e pouco pensamos no futuro. Um dia seremos homens e temos de saber honrar a Pátria—a nossa querida mãe—a qual nos instruiu e nos soube dar a sua luz benéfica, cuja claridade brilhará sempre nas trevas.

Caminheemos. O «Arauto» nos aconselha, lendo e estudando, mais tarde poderemos decerto trepar a montanha, por vezes ingremes da nossa existência humana.

António A. Soares

JORNAL DA MOCIDADE -- PARA A MOCIDADE

Livros e amigos, poucos e bons

A leitura, é um alimento do espírito, e como tal, tem de ser feita criteriosamente porque, enquanto que a palavra oral acaba com a rapidez do relâmpago, o livro é mais lento nos seus efeitos, e por isso fica gravado fortemente no nosso cérebro para o bem ou para o mal, tal seja o conteúdo do livro, isto é, as ideias que este expõe.

Quantos livros há que foram causa de trágicas ruínas no coração dos jovens! Mas também os há e não em menor quantidade, que foram mensageiros de luz. Um livro de tudo é capaz: eleva-nos às alturas ou faz-nos cair nos mais profundos abismos.

Ouve-se tantas vezes, mesmo colegas, dizerem: «Posso ler de todos os livros, porque nada me faz mal!»

Ora, estas palavras, nunca se deveriam pronunciar, porque ler é reter, aprender, e quando lemos, pomos a nossa imaginação, vontade e ideias ao serviço das imagens do autor. Se as imagens do livro não nos deixam ao menos uma leve impressão, não se deve dizer que «nada nos faz mal» mas sim, que não lemos o livro com a devida atenção ou então que a nossa inteligência não estava ainda a devida altura de o compreender.

Antes ler poucos e bons livros, do que muitos e de baixo valor moral e literário, que só nos envenenam as nossas faculdades intelectuais e até nos podem ser fatais.

O mesmo se deve fazer com os amigos.

Poucos amigos, mas que o sejam de verdade, quando, estando em má situação, precisarmos duma ajuda, nessa altura é que os verdadeiros amigos se manifestam. Os amigos «de ocasião» fogem de nós, quando sabem que precisamos deles.

Devemos sempre fugir deles, porque são más companhias, que com as suas palavras e exemplo nos arrastam para o mal.

Lá diz o ditado: «Junta-te aos maus e serás pior do que eles», e são estas as únicas cinzas que de nós restariam: «Ser pior do que eles».

Virgínia Amélia Pereira
1.º Ano do Magistério

O MAR foi amigo dos Portugueses

Ao folhear as páginas da nossa história, ressal-

O Valor da Instrução

Como é grande o valor da instrução!

Sem ela não é possível o progresso de qualquer país, pois esse depende principalmente da cultura dos seus habitantes.

E o principal meio para a conseguir é dar-lhes os conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento das faculdades mentais.

Começa esse ensino nas escolas onde se ensinam as primeiras letras e onde se procura formar o carácter da criança para que seja útil à Sociedade. Continua no ensino secundário onde se aprendem noções mais completas de instrução, e finalmente nos cursos superiores, que dão os conhecimentos apropriados ao desempenho de cargos elevados e de grande responsabilidade.

Pelo estudo da história vemos o grande desenvolvimento intelectual do nosso tempo

em comparação com o de épocas passadas.

Antigamente houve, é certo, grandes homens de ciência, mas a instrução era privilégio duma pequena parte do povo e uma grande maioria era composta de analfabetos. O maior passo dado para acabar com essa ignorância foi a invenção da imprensa pelo holandês Guttemberg, em meados do século XV.

Antes desta descoberta, os livros, todos manuscritos, eram muito caros, só sendo possível aos ricos obtê-los.

Foi a imprensa que permitiu espalhar as ideias por toda a parte e tornar a instrução acessível a todos. Isto é de grande importância, pois podemos assim participar dos conhecimentos dos sábios que viveram no passado, dos que agora vivem e permitirá também aos homens do futuro saber as ideias da nossa época.

Devemos ter grande interesse pelos nossos livros e grande respeito pelos nossos superiores, que contribuem para a nossa educação, como homens e como cidadãos úteis à Pátria.

José Aica
4.º Ano

Não só tornaram Portugal maior, como passaram a conviver e trocar os seus produtos com diversos outros povos.

Muitos povos ao pronunciarem a palavra «Mar», não sentem a mesma glória que o povo Português, porque para esses aquela palavra significa apenas: ódio, rancor, medo e tragédia.

E' que esse monstro tem escondido nas suas entranhas muitos pobres pescadores, que lutavam com tanta dificuldade para levar, o pão à lareira, onde a mulher e os filhos os esperavam.

Quantos destes lares agora, em vez de receberem a alegria esperada, rezam na miséria por alma das pobres vítimas.

Contudo, é ainda no mar que muitos encontram o seu ganha-pão. E é nele que os poetas se inspiram cantando tantas e tantas maravilhas desse imenso lago azul que nos assombra.

E, para nós portugueses, o mar, se nos fala de tragédia, fala-nos também, e sobretudo, de glória.

Hélia M. Rocha Valentim

= DEUS =

Foi ela, sim! Aquela mão grandiosa,
Que do pó fez brotar a Natureza...
Foi ela que criou a flor formosa
E as estrelas do Céu—oh que grandeza!

Foi aquele poder tão majestoso,
Que do nada p'ra nós fez todo o mundo;
Aquele ser eterno e grandioso,
Que a tudo enfim deu vida num segundo.

Oh como é grande esse poder divino!
—que grande perfeição e formosura,
A dessa eterna mão que fez os Céus;

Oh milagre do vinho purpurino!
Amor que não tem fim! Hóstia tão pura
Eu vejo em ti todo o poder de Deus.

José Manuel de Sousa Melo

4.º ANO

As Metamorfoses DO MACACO

Adaptação duma poesia de Castilho

De entre as numerosas raças monas, houve um macaco, que suplantou todos os outros pelas suas qualidades excepcionais...

Como possuía o dom das caretas, a sua predilecção era emitir o que quer que fosse. Todas as suas diabruras causavam espanto a quem as observava.

Mas, certo dia, teve uma decepção. Foi o caso que ao exercer as suas actividades numa feira, penetrou numa barraca, viu um espelho e roubou-o.

O que iria fazer um macaco com semelhante objecto?

Movido como que por um extinto humano começou a mirar-se...

Mas quando julgava ver-se tão belo como idealizava, caiu em grande desespero ao ver refletida no espelho uma cara muito feia como nunca imaginara que pudesse ser a sua.

No auge da aflicção, recorreu a uma bruxa implorando-lhe que apenas lhe conservasse o dom das caretas, e no resto o transformasse.

Felizmente o seu pedido foi atendido, e o mono tomou forma idêntica a um papagaio.

Parém esta metamorfose não lhe mitigou completamente o pesar. Embora as penas e o falar lhe agradassem não compensavam suficientemente a deformação do bico.

Que fazer?
Como era de esperar, fez novo pedido, conse-

guindo assim nova transformação. De novo se mirou e viu-se transformado em vistoso pavão.

O seu coração rejubilou de alegria ao contemplar o seu corpo tão matizado e coberto de lindas penas.

Infelizmente esta alegria foi pouco duradora e caiu de novo em profunda letargia, ao notar que possuía uns pés horrorosos, como jamais vira.

O macaquito cada vez mais inquieto, dirigiu à sua protectora uma prece mais insistente do que nunca. Mas desta vez a velha desesperada respondeu que seria aquela a última transformação.

E, como à noite sucede o dia, assim à tristeza do macaco sucedeu alegria imensa. O seu aspecto já não lhe causava repulsa mas sim admiração!...

Disse-lhe a bruxa:

—Terás aquilo que apreciaste nas anteriores formas do teu ser, caretas do macaco, o palrar do papagaio e as penas do pavão.

Ele ficou radiante com estas admiráveis perfeições. Simplesmente mudou de nome. Chama-se agora «janota» bicho que Lineu desconhecia, mas que hoje aparece por toda a parte, alegre e risinho, — pavoneando-se, palrando e... fazendo macaquices.

Maria da Concelção
Leal Nunes

3.º Ano - A

O meu relógio da vida

No meu relógio da vida
Há mil horas de sofrer,
E uns minutos a correr,
De f'licidade perdida!

Meu relógio nunca avança
Quando a mágua ao peito chega;
Logo a parar ele se nega
Nos momentos de bonança.

Seus ponteiros 'spadas são,
A matar dias e anos:
O mostrador, desenjanos;
A corda, dor e ilusão!

È relojoeiro o destino,
Que o adianta ou atraza;
Dá-lhe corda quem me abraça
Numa fé de peregrino!

Eis meu relógio da vida,
Das mil horas de sofrer,
Duns momentos a correr
De f'licidade perdida!

António Helder Melo da Silveira

2.º Ano do Magistério

JORNAL DA MOCIDADE-PARA A MOCIDADE

“ARAUTO”

pelo Desporto e pela Educação Física

Faz Ginástica Ténis de Mesa

pela Manhã IV SÉRIE

I — De pé, pernas afastadas, braços na vertical. — flexionar o tronco tocando com as mãos nos pés.

II — De pé, estender uma perna para trás, inclinar o tronco para a frente e tocar com as mãos no solo o mais à frente possível, mantendo os braços estendidos; fazer o mesmo movimento apoiado na outra perna.

III — Deitado, pernas afastadas, braços também afastados no plano da cabeça. — flexionar o mais possível as pernas e o tronco, indo segurar os pés com as mãos.

IV — De joelhos, sentado sobre os calcanhares:—jogar violentamente os braços para cima, estendendo o tronco para trás.

V — De pé:—lançar com força a perna esquerda para o lado direito, ao mesmo tempo que lança os dois braços para o lado esquerdo; depois repetir o movimento do outro lado do corpo com a perna direita.

VI — Com o pé esquerdo à frente e o pé direito atrás, braços cruzados sobre o peito, rodar o tronco para a esquerda; trocar a posição das pernas e rodar o tronco para a direita.

(De «Natura»)

Entre os filiados do 1.º ciclo tem-se realizado um torneio de Ténis de Mesa, cujos resultados da 1.ª e 2.ª volta a seguir comunicamos :

1.ª VOLTA

Graça - Abel Augusto — 2-0 (21-11; 21-5)
Gui La Cerda (n. compar.)- Cabral da Costa — 0-2
João Augusto - Caldeira — 0-2 (14-21; 10-21)
Carlos Quintas - Man. Alvernaz — 0-2 (14-21; 7-21)
Jorge Martins - Jorge Diniz — 2 0 (21-6; 21-7)
Firmo de Jesus - José Humberto — 0-2 (7-21; 13-21)
Ruben Madruga - Mesquita — 0-2 (0-11; 7-21)
Nazaré - Eduino — 1-2 (15-21; 22-20; 5-21)
Dart - Manuel Rodrigues (n. compareceu) — 2-0
Carreiro - Taborda — 0-2 (5-21; 7-21)
Leitão - Adolfo Martins — 2-0 (21-7; 11-0)
Tomás Manuel - Magalhães — 2-0 (21-12; 21-17)

2.ª VOLTA

Graça - Taborda — 2-0 (21-3; 21-6)
Cabral da Costa - Eduino — 0-2 (11-21; 6-21)
Frederico - Jorge Martins — 0-2 (10-21; 14-21)
Caldeira - Manuel Alvernaz — 2-0 (21-14; 22-20)
R. Mesquita - José Humberto — 2-0 (21-14; 23-21)
Leitão - Carlos Costa — 2-0 (21-4; 21-10)

Este campeonato prosseguirá em eliminatórias sucessivas, até se apurarem dois filiados que no decurso do torneio, não tenham conhecido a derrota, apurando-se o vencedor numa partida final.

O Desporto não será uma actividade intelectual mas nunca está, na sua essência, suficientemente materializado para poder ser considerado atentório da dignidade intelectual do praticante ou assistente.

(Da «Flama»)

Em Prol do Desporto Académico

COMEÇOU O I TORNEIO DE ATLETISMO

promovido pelo nosso Centro

Iniciou-se este anunciado torneio individual, que teve lugar nos campos de jogos do Liceu, com as provas de Lançamento de Peso e Lançamento de Disco.

Relatamos a seguir as marcas obtidas pelos concorrentes, assim como a classificação geral.

Prova de lançamento de peso

- 1.º — MANUEL MARIA — 9,78m
- 2.º — Eugénio Botelho — 9,31m
- 3.º — Alziro Quaresma — 9,02m
- 4.º — Tomás Horta — 8,50m
- 5.º — Agostinho Pinheiro — 7,37m

(Esta prova realizou-se no dia 18-1-1958)

E' de salientar a actuação de M. Maria que se manteve sempre na vanguarda da marcação.

Não queremos de maneira alguma convencer aquele atleta da sua superioridade sobre os colegas, mas sim estimulá-lo a continuar a treinar, pois possui qualidades para a prova.

Prova de lançamento de disco

- 1.º — EUGÉNIO BOTELHO — 21,98m
- 2.º — Tomás Horta — 19,12m
- 3.º — Manuel Maria — 17,69m
- 4.º — Mário Simas — 16,89m
- 5.º — João Cardoso — 16,21m
- 6.º — Alziro Quaresma — 16,20m

(Prova realizada no dia 22-1-1958)

Esta prova foi de uma maneira geral fraca, contudo, registamos o lançamento de Botelho que lhe concedeu a vitória.

Este atleta possui qualidades e manifestou estar treinado, no entanto precisa de aperfeiçoar a sua técnica.

Em cada uma destas provas cada atleta efectuou cinco lançamentos, sendo-lhe as demais disposições transmitidas no início das provas.

Até aqui os voluntários da M. P. têm disputado as provas com entusiasmo.

Em breve prosseguirá este Torneio com as provas de Salto em Altura, Salto em Comprimento e Triplo Salto.

O «Arauto» dá todo o seu apoio a tão profícua iniciativa, estando sempre presente em tudo o que quer, no Desporto, quer na Educação Física, valorize os nossos rapazes.

Atletismo

Conforme noticiámos, registamos abaixo a relação dos filiados da M. P. que se encontram inscritos no Torneio de Atletismo, bem como as respectivas provas a que concorrerão.

Lançamento de peso - Tomás Horta, Alziro, Botelho e Manuel Maria.

Lançamento de disco - Tomás Horta, Mário Simas, Alziro, Eugénio Botelho, João Cardoso e Manuel Maria.

Salto em altura - Fernando Virgílio, Tomás Horta, Helder Porto, João Bettencourt, Mário Simas e Manuel Maria.

Salto em comprimento - Victor Pereira, Fernando Virgílio, Tomás Horta, Helder Porto, João Bettencourt, Alziro, Agostinho, João Cardoso e Manuel Maria.

Triplo salto - Victor Pereira, Tomás Horta, Helder Porto, Alziro, Agostinho, João Cardoso e Manuel Maria.

O Júri Organizador é constituído por Francisco Gonçalves e Henrique Barreiros,

F U T E B O L - Centro P. das Angústias 3 - Estudantes 2

Realizou-se no dia 1 de Janeiro um encontro de futebol em que foram contadores a equipa representativa do «Centro Paroquial das Angústias» e um grupo de Estudantes.

O jogo disputou-se no estádio da Alagoa, tendo início pelas 14 h. e 30 m.

As equipas apresentaram as seguintes constituições:

C. P. A. — Carvalho; M. Jorge, Gonçalves, Serpa II; Serpa I e M. Humberto; José, Lima, Jorge, Medeiros, V. Simas.

Estudantes — V. Azevedo, V. Pereira, D. Capaz, Barreiros; R. Amaral e Nazaré; J. Vieira A. Campos, Vasques, V. Pinheiro, Renato. Suplente; F. Gonçalves.

A arbitragem esteve a cargo de Eduino Costa.

O «C. P. A.», equipava calções brancos e camisola azul e os «Estudantes» jogaram com um conjunto branco.

Coube a escolha de campo ao «capitão» do grupo académico que preferiu começar a jogar a favor do vento que soprava razoavelmente.

Abriu o activo a equipa do C. P. A. por meio de um passe infeliz de V. Pereira ao seu guarda-dião e em condições que tornaria infrutífera qualquer tentativa deste. A bola entrou pelo canto superior direito.

Pouco depois numa jogada pela direita, J. Vieira recebe um passe, domina a bola e centra a meia altura para A. Campos que não deixando a bola bater no solo, desferiu um potente remate que bateu Carvalho.

Logo a seguir a bola é conduzida pela asa esquerda dos Estudantes, ficando o esférico em V. Pinheiro que fora da grande área remata colocado por alto, ao canto contrário. Vencem os académicos por 2-1.

Ainda no 1.º meio tempo o C. P. A. estabelece o empate. A bola é centrada da esquerda para dentro da grande área, saltam vários jogadores num magote confuso, batendo a bola num jogador «azul» e rolando para a baliza deserta, pois V. Azevedo sairia mal.

Terminou o 1.º meio tempo com os dois empatados a duas bolas.

Na segunda parte os Estudantes acusaram certo acréscimo no rendimento do jogo, em parte provocado pela sua inexperiência e também pelo facto de jogarem contra o vento.

Apenas há a notar neste meio tempo o gol do desempate da autoria de Medeiros, motivado por uma pequena desorientação da defesa académica, o que permitiu àquele jogador infiltrar-se, e, já dentro da grande área desferiu um remate rasteiro que a estirada de V. Azevedo não conseguiu deter.

A salientar ainda um remate deste jogador, forte e bem colocado, que o guarda-dião dos estudantes defendeu muito bem.

Apesar de actuar com alguns elementos titulares dos grupos locais o C. P. A., pouco deu que fazer ao guarda-redes adversário ainda que tenha atacado mais que os Estudantes. Anulou-lhe os intentos ofensivos a defesa académica em tarde de actuação muito razoável. Todo o restante grupo da «Malta», agradou, tendo jogado todos com muita vontade, notando-se algumas jogadas que ma-

nifestaram a habilidade da maior parte dos seus elementos.

No C. P. A. apenas notámos mais uma confiança nas próprias possibilidades e experiência das lides futebolísticas. No entanto ganharam bem.

Contudo e acima de tudo não queremos deixar de fazer elogiosa referência ao exemplar comportamento e espírito desportivo manifestado pelos jogadores de ambos os grupos que foi, sem dúvida, um exemplo vivo para o Desporto Faialense presentemente pouco abundante de espectáculos tão desportivos como este.

Redactor Desportivo

Pelo 'Arauto'

Por motivos alheios à nossa vontade, sempre desejosa de fazer mais e melhor, não nos é possível, neste número publicar a entrevista com o nosso colega Dionísio Capaz, aluno do Liceu de Angra do Heroísmo, conforme tínhamos anunciado.

São assim os Estudantes...

DA MALTA...

Confidência

No outro dia em conversa amena com o Gomes, este muito particularmente, teve o seguinte desabafo, que pedimos a toda a malta, não diga a ninguém:

— Bons tempos, velhos ricos tempos, em que eu era solteiro.

Agora é só fazer o que ela quer e o pior é quando se trata de responder às suas cartas. O meu estilo é o «Prêto-guês», pois no Português nunca dei nada. Mas lá de vez em quando metesse umas frasezinhas românticas que lá vão compensando os «pontapés na gramática».

Bem, mas muito a respeito, tenho de ir qualquer dia à Terceira tratar dos dentes!

Gadelhas

Andou, andou e lá anda outra vez!

Ela e ele... que poesia singela na Rua Serpa Pinto! Sofrem ambos...

...da cabeleira. Ela de rabo de cavalo, ele de turbante.

Dão a impressão de que é preciso tosquiá-los!

Condolências

Lá anda a Lé... a tomar novos rumos!

Apresentamos condolências a quem, por acaso, se sintia atingido por tal decisão daquela nossa colega.

Efeitos do Vulcão!

Olha a moda

Pelo que se vê as alunas e alunos do nosso Liceu andam a meter muita água.

E' vê-los de frasco na mão a dar banho ao próximo. Só falta esfregá-los em seguida, com sabão macaco!

Quando a moda pega...

Cuidado! Parece que estão a meter água demais!...

Filósofo

Comunicamos aos nossos estimados leitores, pois muitos ainda o não saberão, que o 6.º ano possui um filósofo, em «rodagem». Contudo não queremos deixar de avisar-vos que as suas teorias são de tal maneira claras e convincentes, que ele só as consegue expor à força de punhos.

Mais um viúvo

Cuidado, Manuel, que as mulheres de tudo são capazes...

E agora vamos ao que nos pediste:

Procura-se menina não professora por causa do papá, não muito nova por causa da mamã.

Enfim é melhor uma órfã!!!

Quintanista em acção

O Victor Mendonça tem andado atrapalhado de saúde. Queixou-se principalmente de reumatismo e de uma contusão no «gargalo».

E não é para menos pois aquela região do «Telégrafo» é bastante húmida e como tem de olhar lá para o alto, o pescoço queixa-se da posição incómoda.

Mas o Victor que é de «Olhão e já jogou no Boavista», disse-nos que arranjava solução para o caso, dizendo-lhe: «Ou tu vens cá baixo, ou... eu... eu... vou... vou... lá... lá... CIMA!!!»

Pega deixa... pega deixa!!!

E' assim o «flirt» duma certa quintanista. Agora é a época do deixa pois estamos no Carnaval, mas apesar disso a nossa amiguinha pensa em divertir-se bastante, e perder festas... nem uma única!

Mas ao chegar ao Verão, indo ele acampar como de costume, nova época começará, «a do pega»!!!

Carnaval Académico

Segundo nos consta o Carnaval Académico este ano têm-se realizado animadamente no Liceu, Largo do Infante e Rua Walter Bensaúde.

E ainda mais... tem havido hidro-batalhas entre quintanistas e sextanistas, tendo este último grupo necessitado arranjar, além das bisnagadeira, uns certos instrumentos complicados, que usam escondidos, instrumentos tais que tem posto muitas meninas com dores de ouvidos.

Mas os infelizes nem mesmo assim conseguem ganhar nenhuma, pois de cima para baixo bisnaga-se melhor do que de baixo para cima.

A propósito

Todos se lembram bem daquele anúncio no 1.º número do nosso jornal pedindo noiva para um menino de 17 anos, etc., etc...

Pois bem, esse menino resolveu arranjar por si solução para o problema

e essa solução consistiu numa menina engraçada bem educada, viajada, e outras coisas terminadas em «ada» e que frequenta o 4.º Ano dum Liceu vizinho do nosso.

Pede pois desculpa às meninas do 2.º ciclo do nosso Liceu e em especial a algumas do 3.º Ano.

Acrescenta que se encontra num caso amoroso muito muito complicado e que a essas meninas, não pode dar jeito nenhum...

Atenção!

Tomem lá sentido! Cá vai uma das nossas: Novo engate...!

Ela é um pouco vaidosa, mas isso não importa ele também o é!

Já falam ao pé do «Amor da Pátria» e ela já escreve às amigas, dizendo: — «Eu namoro um rapaz muito inteligente (modéstia à parte), que só aparha notas de 13 para cima.

(Assim é que elas caem! E' uma tática!)

As comadres

em apuros!

Quitéria — Ó comadre sabe que isso por aí é «o inferno» a respeito de Carnaval!!!

Pulquéria — Que me diz comadre?!

Quitéria — É bem verdade velha amiga; quase tenho medo de sair à rua pois por todos os lados esguicham água e atiram bombas, que segundo consta são o sinal de alarme.

Pulquéria — Ah! Esses, segundo parece, são ganhos quase sempre pelas raparigas?!

Quitéria — E se fosse só isso!!

Pulquéria — Mas então o que há?

Quitéria — Há... há... surpresas desagradáveis que fazem andar de mãos á cabeça!!!!

(Quem será o «Chapeleiro»?)

DESPIQUE

Já era tempo de por ponto final no assunto mas para que o Chico saiba que Henriqueta não é uma única pessoa, mas sim uma síntese de várias raparigas que desejavam defender o seu bom nome, aqui vai este artigo para evitar confusões e elucidar aqueles que possivelmente vivem em plena ignorância.

A quem terá o Chico chamado preta?

Certamente não sabia ele que Henriqueta não só abrangia pretas, como também brancas, porque se o soubesse não só condenaria uma, que afinal não tinha sido a única a elevar a voz para defesa do seu bom nome.

Com respeito ao último diálogo entre «Antónia e Josefina» desejamos esclarecer: o barrete nunca nos podia atingir, porque, como o Chico não convive connosco por não sermos meninas da sociedade, nunca poderia pensar mal ou bem de nós, pois para se fazer um juízo perfeito de determinadas pessoas, é forçosamente necessário conviver com elas.

Portanto, agora que o assunto está esclarecido terminamos fazendo votos para que o Chico não se engane mais.

São pretas, são pretas,
São pretas mas airosas,
Mas também entre as pretas,
Há brancas bem formosas.

Ser preta não é defeito,
Nunca o foi nem há-de ser
O que é preciso é ter jeito
Para se poder viver.

Henriqueta

Declaração

(A anedota do ano)

Eu, Manuel Gomes da Silva (meu nome de baptismo), nascido às 14 horas do dia 20 de Maio de 1940 e para os que não dão em Matemática, acrescento que tenho 17 anos, natural deste Mundo, Planeta Terra, Europa, Portugal, Açores, Ilha do Faial, concelho e distrito da Horta, Rua Conselheiro Terra Pinheiro, freguesia das Angústias, frequentando presentemente o 6.º ANO, alínea F (categoria, hem!), turma A, na qual sou n.º 13, possuidor do Bilhete de Identidade n.º 620551 — B, desportista completo, principalmente em coice-ball, tencionando licenciar-me em «Acóllicas e bagaceiras», e presentemente dedicando-me ao estudo profundo do Aparelho

Circulatório da Batata, «solteiro» até à chegada do «Carvalho Araújo» no dia 22 de Dezembro, «noivo» desta data até às 18 h. e 30 m. do dia 28 de Dezembro de 1957, declaro-me, para os devidos efeitos, em nome da Lei, a partir desta data, comprometido com... com... com... (a comoção que me assalta no presente momento, é de tal ordem que não me permite revelar-lhes o seu nome). Subscrevo-me,

(O Gomes suava por todos os poros, a mão tremia-lhe, as pernas fraquejavam-lhe, o coração dava cada martelada! Pobre Gomes não lhe foi possível assinar).

Arquivado na Secção: VINTE E CINCO DE ABRIL.

“O ARAUTO NAS AULAS!”

Na aula de Zoologia

3.º ANO

A professora — Diga a definição de cetáceos?

A aluna — Têm o lábio superior e o nariz prolongados formando a tromba!

A professora — Sim? Cita um exemplo.

A aluna — O ouriço cacheiro!!

começamos na Zoologia (o caso afinal era o tradicional «medo» das chamadas e não o interesse pelo o estudo da nova fase do programa).

A Professora — Dentro em pouco começaremos com a Biologia, sim agora é Biologia e não Zoologia como estavam a dizer!

Paulino (virando-se para a MALTA, em voz baixa) — E' a Zoologia disfarçada!!!

Na aula de Francês

4.º ANO

Professora — Quelles sont les voitures avec deux roues qu' ont peut voir en ville?

(quais são os veículos com duas rodas que se vêem na cidade?)

Aluno — Ce sont les piétons!!!

(São os peões!!!)

Na aula de Ciências Naturais

6.º ANO

A professora acaba de explicar a lição, terminando com ela o programa de Mineralogia.

A MALTA — Então Senhora Doutora, agora que acabámos a Mineralogia, quando é que

Na aula de Inglês

3.º ANO B

Prof.—Diz-me lá como se diz campo em Inglês.

Aluno—Campo! E'... é Country.

Professor dirigindo-se a outro aluno:

Como se diz «outra vez»?

Aluno prontamente: Country.

Na aula de Física

4.º ANO B

A professora mostra uma preparação ao microscópio.

Professora — Está a ver alguma coisa?

João António — Sim senhora, vejo uma mancha branca.